



CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

APOLOGÉTICA DO NOVO TESTAMENTO

Aprendendo a Defender a Veracidade
dos Fatos Narrados no N.T.

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ
CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

APOLOGÉTICA DO NOVO TESTAMENTO

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-068-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON68

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **APOLOGÉTICA DO NOVO TESTAMENTO.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 83 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - A APOLOGÉTICA E O DESENVOLVIMENTO DA FÉ CRISTÃ.....	8
1.1. APOLOGÉTICA FUNDAMENTAL <i>VERSUS</i> RACIONALISMO.....	9
1.2. SISTEMAS APOLOGÉTICOS CONTEMPORÂNEOS.....	11
1.3. DESAFIOS ATUAIS À FENOMENOLOGIA CRISTÃ.....	12
2 - O NOVO TESTAMENTO E SUAS EXPRESSÕES APOLOGÉTICAS.....	15
2.1. A CENTRALIDADE DE CRISTO NA APOLOGÉTICA DO NOVO TESTAMENTO.....	16
2.2. A EXPRESSÃO APOLOGÉTICA NOS ESCRITOS DE LUCAS.....	18
2.3. A EXPRESSÃO APOLOGÉTICA NOS ESCRITOS DE PAULO.....	20
2.4. A EXPRESSÃO APOLOGÉTICA NOS ESCRITOS DE JOÃO.....	22
2.5. A EXPRESSÃO APOLOGÉTICA NOS ESCRITOS DE PEDRO.....	22
3 - UMA ANÁLISE DA INSPIRAÇÃO E VERACIDADE DOS EVANGELHOS.....	25
3.1. EVANGELHOS SINÓTICOS.....	25
3.2. MATEUS.....	26
3.3. MARCOS.....	27
3.4. LUCAS.....	27
3.5. A AUTORIA DOS EVANGELHOS.....	27
3.6. POR QUE APENAS QUATRO EVANGELHOS?.....	30
3.7. UM OU QUATRO EVANGELHOS?.....	31
3.8. Os “PROBLEMAS” DOS SINÓTICOS.....	32
3.9. A CRÍTICA DA FORMA.....	33
3.10. A CRÍTICA DA REDAÇÃO.....	33
3.11. A CRÍTICA DAS FONTES.....	34
3.12. A DATAÇÃO DOS EVANGELHOS.....	37
4 - O CÂNON NEOTESTAMENTÁRIO.....	41
4.1. COMO SE FORMOU O CÂNON?.....	43
4.2. OS PRINCÍPIOS USADOS NO CRITÉRIO DE SELEÇÃO.....	44
4.3. OS PRIMEIROS CÂNONES.....	45
4.4. POR QUE HOVE DEMORA NA ACEITAÇÃO DE ALGUNS LIVROS?.....	46
4.5. O NOVO TESTAMENTO É CONFIÁVEL?.....	51
4.6. AS VARIANTES.....	53
5 - O JESUS HISTÓRICO VERSUS O JESUS DA FÉ.....	55
5.1. MANIPULANDO O JESUS HISTÓRICO.....	56
5.2. O JESUS HISTÓRICO VERSUS O JESUS REAL.....	57
5.3. A BUSCA PELO JESUS HISTÓRICO.....	57
5.4. O JESUS DA HISTÓRIA É O MESMO JESUS DA FÉ?.....	58
5.5. A HISTORICIDADE DE JESUS.....	59
5.6. FONTES JUDAICAS - FLÁVIO JOSEFO.....	60
5.7. TALMUDE.....	61

5.8.	FONTES PAGÃS - PLÍNIO	61
5.9.	TÁCITO	61
5.10.	LUCIANO DE SAMOSATA.....	62
5.11.	SUETÔNIO	62
5.12.	TALO.....	62
5.13.	MARA BAR-SERAPIÃO - 73 D.C. (?).....	63
5.14.	JUSTINO, O MÁRTIR	63
5.15.	POR QUE HÁ POUCOS REGISTROS SOBRE JESUS NA HISTÓRIA SECULAR?.....	64
5.16.	JESUS, UM MITO?	64
5.17.	O NASCIMENTO DE JESUS FOI UMA LENDA?.....	67
5.18.	EGITO.....	68
5.19.	MESOPOTÂMIA	68
5.20.	ROMA ANTIGA	68
5.21.	OS APÓSTOLOS OUSARIAM APELAR PARA UMA MITOLOGIA PAGÃ?	69
5.22.	CONSIDERAÇÕES RELEVANTES.....	69
6 -	JESUS E SEUS MILAGRES	74
6.1.	OS MILAGRES SÃO CONTRÁRIOS ÀS LEIS DA NATUREZA	75
6.2.	OS MILAGRES FORAM PROJETADOS PELOS DISCÍPULOS	75
6.3.	AS CURAS ERAM APENAS PSICOSSOMÁTICAS.....	76
6.4.	OS MILAGRES ERAM FRAUDULENTOS.....	76
6.5.	MILAGRES NÃO EXISTEM	77
7 -	JESUS – DOS DOZE AOS TRINTA ANOS.....	79
7.1.	INCONFORMADOS COM O JESUS BÍBLICO	79
7.2.	DOCUMENTOS VERSUS DIVAGAÇÕES.....	80
7.3.	DOCUMENTOS FIDEDIGNOS VERSUS DOCUMENTOS DUVIDOSOS	81
7.4.	JESUS, O JUDEU DE NAZARÉ DA GALILÉIA	82
7.5.	OS ENSINOS DE JESUS VERSUS HINDUÍSMO E BUDISMO.....	82

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



AULA
01

1 - A APOLOGÉTICA E O DESENVOLVIMENTO DA FÉ CRISTÃ

O grande desafio do cristianismo sempre foi o de exteriorizar, a cada momento, a certeza de um fato (fenômeno) ocorrido no passado, mas com constantes influências no presente. Isto pode ser chamado “contemporaneidade da fé”, pois alude a uma história que deve ser sempre revista e contextualizada, porém jamais corrigida ou melhorada. Afinal trata-se da encarnação de Deus na figura histórica de Jesus Cristo, um fenômeno único e não mitológico, testemunhado pelos escritores do Novo Testamento.

Por isso, a revelação cristã é antiga e recente, ao mesmo tempo. É antiga quando alude à história narrada nos evangelhos e é recente quando estes mesmos escritos falam de maneira persuasiva ao homem contemporâneo.

Essa forma “atualizadora” de se compreender a essência do cristianismo precisou ser defendida desde o início de nossa era, quando os primeiros escritores cristãos, cognominados Pais da Igreja, sentiram a necessidade de justificar a fé diante dos magistrados e filósofos de sua época ou ainda defendê-la dos ataques lançados pelos dissidentes, pelo judaísmo e pelos vários setores do paganismo. Assim nasceu a apologética, inspirada no termo grego apologia que basicamente significa “defesa”. De fato, o famoso discurso de Platão intitulado “A Apologia” expõe judicialmente a defesa de Sócrates diante de seus acusadores.

Então, vieram autores como Aristides, Justino, Atenágoras, Taciano, Tertuliano e outros que foram corretamente chamados de “apologetas”. Sua técnica, a princípio, envolvia na investigação formal e erudita da época que era a Filosofia. Deste ponto em comum, porém, sua linha de argumentação se dividia, grosso modo, em dois segmentos: (a) um contrário à filosofia grega, que era tida como fruto da mentalidade pagã e; (b) outro mais helenizado, que usava principalmente o platonismo e o estoicismo para dar uma expressão filosófica às rudes sistematizações do querigma apostólico. Para os de mente helenizada, a Filosofia era o melhor meio de aguçar o discurso da Teologia.

Clemente de Alexandria, Agostinho e outros, tentando salvar a supremacia da fé sem perder o sabor filosófico que lhe era requerido, referiram-se à filosofia como ancilla theologiae, isto é, “serva da teologia”. Logo, ele quis dizer que a primeira só tem valor quando empregada em ajudar na compreensão da segunda. Seu objetivo, neste exercício apologético, era responder aos diversos questionamentos que punham em dúvida a ressurreição e autoridade divina do homem chamado Jesus de Nazaré (ILLANES).

Mais tarde, entra em cena Tomás de Aquino, o mais famoso apologeta da Alta Escolástica. Usando técnicas de argumentação tremendamente materialistas, ele escreveu sua Summa contra Gentiles para defender de modo racional as verdades já não tão bíblicas que estavam sendo oficializadas pelo cristianismo de Roma. Neste tempo, a defesa era mais da estrutura eclesiástica medieval que da Bíblia, enquanto revelação de Deus dada à humanidade.

Valendo-se de uma abordagem manualística e pouco bíblica, Aquino, na verdade, nada mais fez do que imitar o estilo filosófico dos árabes, especialmente Averróis, em sua redescoberta do aristotelismo clássico. Esse mecanismo de reflexão, diga-se de passagem, transformou-se numa força dominante da apologética cristã ocidental até à chegada da modernidade no início do século XVI.

Quando Lutero e os pensadores modernos romperam com o catolicismo, esse se viu obrigado a se justificar perante os ataques protestantes e racionalistas que se avolumavam cada vez mais. Até então, todos criam de fato, embora sua crença não estivesse necessariamente na doutrina de Cristo, mas naquilo que o Magistério da Igreja ensinava. O lema racional era Roma locuta, finita causa est (se Roma falou, não há mais o que discutir). Logo, desde o fim da Escolástica, a Igreja não tinha sentido tamanha urgência de justificar sua fé perante seus inquiridores. É quando aparece a ruptura que se sente a necessidade de uma apologética sobre aquilo que se crê.

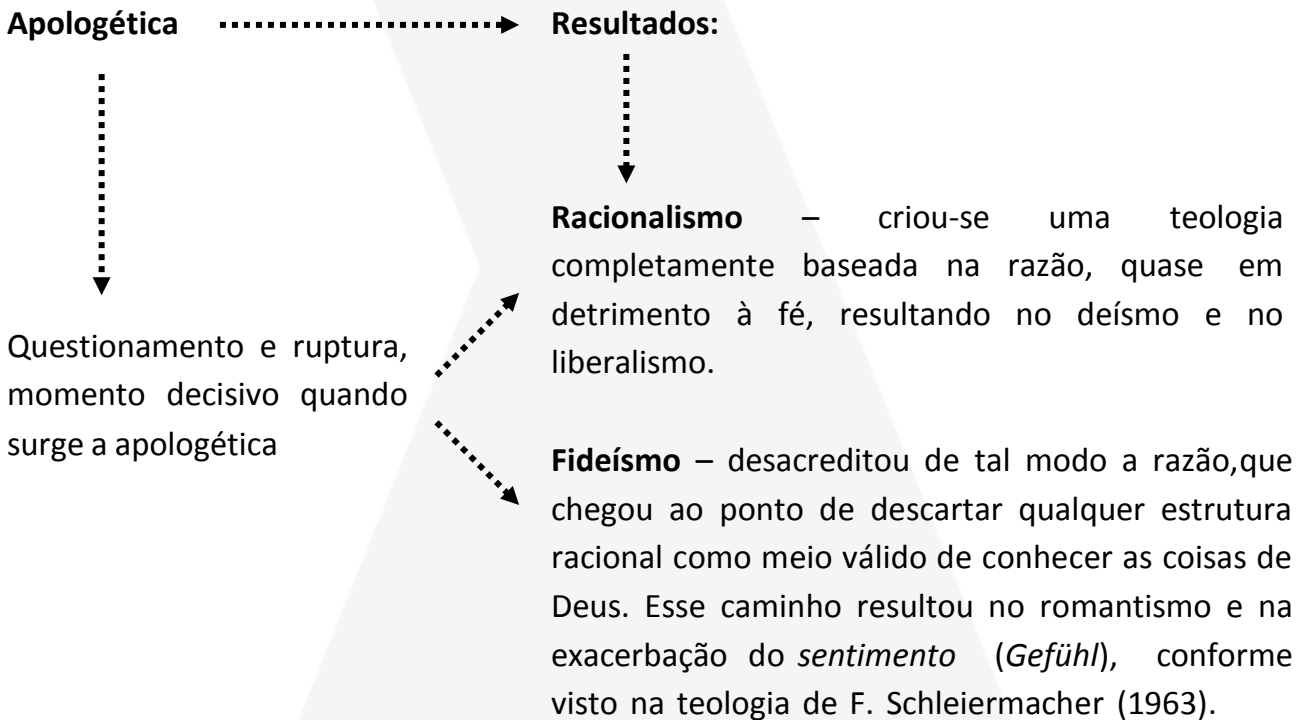
1.1. Apologética Fundamental *versus* Racionalismo

Como fenômeno psicológico, é possível dizer que a apologética não é característica apenas do cristianismo. A fenomenologia do saber de William Hamilton (1852) associada à própria noção de valores de Max Scheler (1928), demonstra que a apologética é um problema essencialmente humano e não apenas “eclesiástico”. Na história de todos os ramos seculares é possível ver, em determinados momentos, uma tensão apologética marcada até mesmo por certo grau de fundamentalismo.

Afinal de contas, a crença fundamentalista interessa basicamente a qualquer sistema que procura monopolizar a chave hermenêutica da realidade. Toda estrutura que detém o sentido oficial da interpretação, quer seja religioso (catolicismo medieval), quer seja secular (evolucionismo moderno), sente-se beneficiado por uma postura que não admite averiguação. O fundamentalismo, portanto, não precisa provar nada, sua solidez está na autoridade imposta. Talvez seja por isso que a apologética hoje está sendo vista num caráter negativo. Nem mesmo KARL BARTH, considerado o gigante defensor da neo-ortodoxia cristã, aceitou usar a apologética como meio de defesa do cristianismo. Para ele, tal atitude refletiria uma falta de fé, pois a revelação bíblica não necessitava de defesa racional. Ela estaria acima da filosofia e da razão humana. Porém, ao se expressar assim,

Barth acabou defendendo de modo apologético aquilo em que acreditava. Noutras palavras, pode-se até não apreciar o método, mas não há como fugir dele.

Portanto, a estrutura básica da apologética na história, especialmente na transição do medievalismo para a Modernidade, poderia ser vista na tensão entre dois segmentos que não conduziram a resultados muito positivos para a fé:



Ambos os segmentos também resultaram, cada um a seu modo, num humanismo que acabou “recriando” Deus à imagem e semelhança do homem. A religião, neste contexto, deixou de refletir sobre o Transcendente para esboçar apenas uma imanência racional, descomprometida com a revelação divina.

Foi, talvez, dentro deste quadro filosófico-racionalista que a apologética passou a ganhar moldes de polêmica. Na disputa intelectual do racionalismo contra o fideísmo, a busca pela compreensão e defesa da verdade tornou-se apenas uma briga de “ismos” e uma guerra de “pensadores”.

O crente comum, é claro, ficava normalmente à margem desses grandes debates, e uma boa parte do cristianismo, formada tanto de leigos quanto de acadêmicos, acabou se voltando para um radicalismo doutrinário em busca de segurança intelectual. Daí o surgimento de correntes como o evangelicalismo protestante e o pietismo alemão.

É notório que o ser humano sempre se volta para o fundamentalismo em momentos de crise de identidade. E aqui não seria diferente. Afinal, o fundamentalismo é firme no que diz, e o liberalismo havia enlouquecido demais a exegese bíblica (LOADER).

Foi, portanto, essa simbiose entre fundamentalismo e apologética que a fez ser vista com preconceito. Muitos ainda a reputam como método arcaico e ultrapassado, confundindo-a com polêmica. Crêem que ela está superada como instrumento de defesa da fé cristã e devia ser retirada dos currículos teológicos da atualidade.

Essa visão, contudo, esquece que entre a sedução do fundamentalismo e a tensão do fideísmo versus racionalismo, houve uma contribuição valiosa da apologética para a manutenção da identidade cristã. Alguns movimentos como os valdenses, albigenses ou até mesmo protestantes podem ter sido radicais, se analisados pela ótica da atualidade. Contudo, foi seu brado histórico que evitou a transformação do cristianismo numa religião de mistérios ou numa continuidade do mitraísmo romano (RODNEY).

Como dizia PAUL TILICH, “a teologia apologética é uma teologia que responde. Responde às perguntas implícitas na situação, com a força da mensagem eterna e com os meios que a situação lhe proporciona e a cujas perguntas responde.”

1.2. Sistemas Apologéticos Contemporâneos

A partir do século XX, alguns autores procuraram apresentar uma nova apologética que respondesse às ansiedades do homem pós-moderno, especialmente as de solidariedade e afeto (RORTY). Eles reconheceram o valor e a necessidade da apologética como meio de compreensão da realidade, mas negaram sua estrutura tradicional, preferindo criar novos modelos ou uma “nova apologética”.

BLONDEL talvez seja o primeiro a propor uma nova abordagem apologética, que se daria não mais a partir da revelação escriturística, mas da condição psico-estrutural do ser humano. Trata-se da subjetividade histórica do indivíduo como padrão gnosiológico das novas estruturas da realidade. Neste caso, a humanidade seria comparada a um iceberg cujo topo fica fora d'água, mas a estrutura maior fica submersa. No balanço das águas, o que está no topo se movimenta mais rápido, porém o que está oculto (a base submersa) se move com muito mais lentidão. Em outras palavras, as conjecturas mudam radicalmente a maneira humana de pensar, mas as estruturas básicas demoram muito para serem alteradas. Logo, são essas estruturas que devem ser defendidas apologeticamente, não porque sejam a reprodução exata da verdade, mas porque a subjetividade humana precisa delas e não está preparada para abandoná-las de imediato. É daí que surge a valorização pós-moderna da religião cristã, não como fenomenologia reveladora de Deus, mas como fenômeno sociológico em nada diferente dos folclores e costumes de cada povo.

O problema com esse conceito blondeliano é o elemento agnóstico e relativista que o compõe. Ele nega a revelação divina de verdades eternas, relativizando historicamente todos os conceitos humanos acerca da realidade. Trata-se, portanto, de uma visão apofática de Deus e do universo! Tudo o que entendemos por verdade, não passaria de uma estrutura histórica temporariamente necessária, até ao dia em que não precisemos dela para continuar sobrevivendo. No campo religioso, tal apologética deixaria de ser uma “busca pelas verdades de Deus”, para se tornar uma “conveniente defesa das circunstâncias estruturais”.

Foi essa mesma visão “excessivamente circunstancial e localizada”, que inspirou a apologética política vista nas chamadas “teologias genitivas”, como a Teologia da Libertação (BOFF; GUTIERREZ), Teologia dos Negros (WILMORE e CONE); e Teologia da Esperança (MOLTMANN), entre outras. Todas essas correntes parecem compartilhar o mesmo pressuposto dialético político de sua apologia: “O indivíduo faz a realidade e a realidade faz o indivíduo”. Novamente o problema com esses sistemas, por mais justificáveis que sejam suas denúncias de injustiça social, é que eles negam a meta-história e a intervenção divina nos negócios da humanidade. Elevam a tal nível o livre-arbítrio e a atividade humana, que transformam Deus num expectador distante, bem ao sabor das correntes deístas do século XVIII e XIX (MOORE).

1.3. Desafios Atuais à Fenomenologia Cristã

A apologética na pós-modernidade tende a ser essencialmente fragmentária, relativista, refratária e hedonista (GRENZ). Sua intenção não é atingir aos racionais (racionalismo moderno) ou aos simplórios (fideísmo pré-moderno). Ela intenta alcançar a juventude, os mais velhos parecem não necessitar de certos convencimentos, principalmente acerca dos valores. São os jovens o topo do iceberg (Blondel). São eles que estão extraviados, precisando ser convencidos contra as drogas, a promiscuidade e outros valores defendidos pela estrutura básica que se encontra submersa. É neste momento que se verifica a não superação da apologética como legítimo instrumento de defesa daquilo que está sendo questionado.

Em sua obra, *Evangelicalism and the Future of Christianity*, ALISTER MCGRATH advoga a tese de que as transformações acumuladas pelo cristianismo no século XX tenderão a ser maiores e mais rápidas no século XXI. Entre elas, por exemplo, está a possibilidade de países orientais, especialmente da África e Ásia, tomarem as rédeas da missiologia mundial, enviando missionários para a Europa e Estados Unidos. O motivo disto está no fato de que esses dois pólos perderão de tal maneira as raízes de seu cristianismo histórico, que seus descendentes poderão ser considerados “povos não alcançados” pelo Evangelho. O interessante, no entanto, é que a apologia, definida por

MCGRATH como “a aplicação da Escritura ao descrente” é vista neste contexto como um eficiente instrumento de defesa da fé cristã, ante a fragmentação proposta pelo pós-modernismo filosófico.

Outros autores como CARSON e COWAN também têm admitido o valor e necessidade da apologética para a identidade fenomenológica do cristianismo, nesta época de tamanho pluralismo filosófico e religioso. Aliás, ao se comparar filosofia e teologia cristã, é importante entender que esta última não é um mero sistema especulativo provido de longa reflexão por determinados indivíduos cercados de condições privilegiadas e favoráveis ao estudo (HORDERN). Pelo contrário, a teologia sempre emergiu no entrelaço da revelação cristã com outros pensamentos que a negavam ou que relativizavam seu querigma histórico da cruz. Noutras palavras, isto quer dizer que a teologia é essencialmente apologética.

Por outro lado, também, o teólogo e o filósofo têm em comum a busca pela sabedoria (phylos - sophia). A diferença, porém, é que para uns a sabedoria tem um “S” maiúsculo, pois se traduz na própria busca de Deus, e não apenas de um conceito racional acerca da realidade.

Assim, uma vez afirmada a indispensabilidade da apologética, procura-se agora uma adequação sensata de seu método, para que ela cumpra bem seu papel defensivo sem descambar para um fundamentalismo insípido. Deve-se lembrar que a única maneira de vencer o racionalismo e o liberalismo não é se voltar para o fundamentalismo, mas mostrar que a razão e a ciência humana também são falhas e limitadas. Foi por meio delas que se criaram também as guerras mundiais, poluição da natureza, ameaça ao planeta com a bomba nuclear. Se o cristianismo cometeu seus erros, o racionalismo também. O problema é que este último tende a esconder seus pressupostos igualmente fundamentalistas.

Sugere-se, portanto, um uso sadio da apologética como instrumento de sustentação da identidade cristã diante dos desafios do século XXI. E que a nova apologética teológica se paute por aquilo que a fenomenologia cristã tem de mais impressivo em sua identidade: a semiologia, que são os sinais de Deus na história, e a sistemática, que é a reflexão adequada destes sinais interpretando-os à luz da Escritura Sagrada (MOORE; CLAPP). A perda destas marcas resulta na fragmentação de um querigma ocorrido há dois mil anos, mas que se atualiza a cada dia na fé religiosa dos seguidores de Jesus Cristo.



AULA
02

2 - O NOVO TESTAMENTO E SUAS EXPRESSÕES APOLOGÉTICAS

Há dois mil anos, surgiu um homem na pequena Galiléia, região da Palestina, que, embora nunca tivesse freqüentado uma universidade de psicologia, reuniu em torno de um único sermão — o “Sermão da montanha” — o antídoto perfeito para as doenças da alma, palavras que nem mesmo todas as teorias de Freud e Jung, juntas, poderiam se equiparar. Jesus Cristo falou de muitas coisas, proferiu vários sermões e realizou inúmeras obras (Jo 21.25).

No entanto, nenhuma dessas coleções de “logias”, como eram chamadas as palavras de Jesus, foram escritas por Ele mesmo. Essa tarefa coube aos seus discípulos.

Os evangelhos de Mateus e João foram escritos por testemunhas in loco dos principais eventos da vida, obra, morte e ressurreição de Jesus. Já os evangelhos de Marcos e Lucas foram escritos por terceiros, que não conviveram diretamente com Cristo. Lucas afirma que compôs seu evangelho depois de ter feito uma acurada pesquisa por meio de testemunhas oculares e o colocou em ordem sistemática (Lc 1.1-4). Uma exceção se faz a Paulo, que não fazia parte do corpo apostólico, mas que recebeu todo o seu “evangelho” por revelação do próprio Jesus (Gl 1.12). Também podemos juntar ao apóstolo Paulo os dois irmãos de Jesus que compuseram duas epístolas do Novo Testamento: Tiago e Judas.

Depois de dois mil anos de esses fatos terem acontecido, é justo perguntar: “São dignos de crédito os livros do Novo Testamento? Podemos aceitá-los como narrativas historicamente confiáveis? Qual é a relação dos ensinamentos contidos no Novo Testamento com sua fidelidade histórica? Essa relação teria alguma importância para a fé cristã?”.

Como estudantes de teologia, devemos acatar as palavras de Judas e Pedro e agir como verdadeiros apologistas da “fé que de uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3), para que possamos estar sempre preparados para responder com mansidão e temor e, acima de tudo, de maneira racional, a todo aquele que pedir a razão da esperança que há em nós (1Pe 3.15).

Nesta disciplina, trataremos de assuntos de grande relevância dentro do contexto da apologética clássica. Examinaremos as críticas que freqüentemente são levantadas contra o Novo Testamento, tais como: “Por que o Novo Testamento é considerado um mito por alguns críticos? Podemos encarar a maioria de suas passagens como fatos históricos ou simplesmente alegóricos? Os milagres de Cristo, chamados tecnicamente pelos críticos de

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia